

Boletim 94

JUL/DEZ
de 2019



Associação Filatélica e
Numismática de Brasília

Sumário

Editorial	3
12º Encontro Nacional de Colecionadores	4
Os selos monocromáticos da série 1884-1905	7
Aes Grave – a primeira moeda romana	8
A primeira faculdade de Medicina do Brasil	11
150 anos do cartão-postal	14
Hard times token	17
Memel	20
A moeda mais cara do mundo	23
Carimbos Sindicato Condor Ltda.	27
Imprensa Nacional – Loterofilia	36

AFNB - Associação Filatélica e Numismática de Brasília - CNPJ 00751184/0001-21
Sede própria: SRTVN Qd. 702, Bloco P, Edifício Brasília Radio Center, Sobreloja 10,
CEP 70719-900, Brasília DF. Telefone: (61) 3328-8446. E-mail: afnb.bsb@gmail.com.
Instagram: afnb.bsb. Blog: afnb-bsb-colecionismo.blogspot.com.

Reuniões aos sábados a partir das 14 horas na sede. Anuidade para sócios correspondentes: R\$ 50,00. Anuidade para sócios efetivos: R\$ 100,00. Leilões mensais no primeiro sábado do mês.

DIRETORIA (2019-2022)

Presidente: Rubens Cavalcante Júnior. Vice-presidente: Marcello Duarte. Diretor secretário: Marcelo Lingerfelt. Diretor tesoureiro: Geraldo Magela Dutra Ribeiro. Diretor social: Lengruber Damasceno. Diretor de acervo: Ricardo Eckstein. Diretor de publicações: Jorge Lara. CONSELHO FISCAL. Titulares: Gilson Lopes Cavalcanti, Claudio Girad, Lauro Guimarães Corrêa. Suplentes: Adelino Oliveira, João Marcelo Braggio.

BOLETIM DA AFNB

Publicação semestral, ISSN 1980-9441, com a tiragem de 1.000 exemplares, enviada aos sócios da AFNB, clubes que reúnem colecionadores em geral e entidades oficiais em todo o Brasil. Direção e edição: Jorge Lara, SQS 307, Bloco A, Apto. 206, Asa Sul, 70354-010, Brasília DF. As opiniões e artigos são de responsabilidade dos autores.

Caros amigos e associados, é com grande satisfação que entregamos a mais nova edição do Boletim da AFNB. Ao nos aproximarmos da conclusão do primeiro ano de mandato da atual diretoria, iniciado em abril de 2019, podemos ver que foi possível avançar em vários aspectos, mesmo sabendo que há muito mais a fazer.

A retomada da publicação do nosso boletim, com a edição do nº 93, foi muito bem recebida pelos associados; o novo formato, com impressão integralmente colorida, foi também muito elogiado. Além de consolidar esse modelo estamos trabalhando com várias possibilidades para oferecer um conteúdo ainda melhor aos colegas. Para isso, incentivamos o envio de sugestões, críticas, ideias e artigos para as próximas edições.

Em novembro realizamos nosso já tradicional Encontro Nacional de Colecionadores que contou com a participação de comerciantes e colecionadores de todo o país. Como novidade, a realização de palestras sobre filatelia e numismática a grupos escolares teve grande sucesso e segue a linha de perseguir um dos maiores objetivos da AFNB, de incentivar o colecionismo e levar esse conhecimento às novas gerações. Também como resultado do Encontro e após analisar diversas sugestões e ideias, o Encontro na edição de 2020 terá novo formato: ao invés de abranger o período de 6ª feira a domingo, passará a ser realizado de 5ª feira a sábado, facilitando os deslocamentos e a participação mais efetiva. A data, inclusive, já está marcada: de 05 a 07 de novembro de 2020.

Para melhorar a estrutura de nossos encontros de sábado compramos quatro luminárias portáteis para colocação nas mesas, o que facilita muito a visualização de peças trazidas pelos associados para apreciação, discussão ou troca. Infelizmente fomos surpreendidos com o vergonhoso furto de duas dessas luminárias, o que muito nos entristeceu. Apesar disso, os encontros semanais e os leilões realizados todo primeiro sábado do mês continuam sendo o ponto de encontro e a referência dos colecionadores de Brasília e região.

Aproveitamos para destacar a importância de que os associados mantenham as suas anuidades em dia, uma vez que essa é a principal fonte de recursos para a manutenção da entidade. Já estamos recebendo as anuidades de 2020, que não sofreram alteração de valores, permanecendo R\$ 100 para sócios efetivos e R\$ 50 para sócios correspondentes. Solicitamos que os valores sejam depositados em uma das contas da AFNB, disponíveis na primeira página, e o comprovante enviado para o e-mail: afnb.bsb@gmail.com.

Esperamos que aproveitem a leitura. 

12º ENCONTRO NACIONAL DE COLECIONADORES

A Associação Filatélica e Numismática de Brasília (AFNB) realizou, no Hotel Grand Mercure, o 12º Encontro Nacional de Colecionadores, nos dias 8, 9, e 10 de novembro de 2019. Este ano tivemos a participação de 48 expositores de diversas partes do país, a exemplo de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraíba, Sergipe, Santa Catarina e Brasília. O evento contou com a participação de um grande público flutuante, com aproximadamente 1.000 pessoas, destacando-se a presença expressiva de estudantes. Nosso encontro, primeiro da nova diretoria, foi coroado de sucesso!

Abertura

A solenidade de abertura teve a presença dos expositores, convidados, membros da diretoria, organizadores e, em especial, do General de Brigada Celso Krauser Schramm, representando o presidente da Fundação Habitacional do Exército - Pouplex, um de nossos apoiadores.

Para abrir a exposição, o presidente de nossa associação, em sua fala, deu boas-vindas aos expositores e demais presentes, e anunciou que, em 2020, será o jubileu de prata da nossa entidade. Na ocasião lembrou ainda, de forma saudosa, que este era o primeiro encontro sem a presença do nosso ilustre fundador, Cléber Coimbra, que sempre foi um grande incentivador do colecionismo em nosso ambiente. Agradeceu os organizadores Gilbertinho Cavallini e Marco Ribeiro, além da nova diretoria, dos

Rubens Cavalcante Júnior - AFNB

patrocinadores desta edição, a Loja do Colecionador, o Museu de Valores, e aos apoiadores Correios, Collectgram, Hotel Grand Mercure e, em especial, a Fundação Habitacional do Exército - Pouplex.

Homenagens

Este ano a AFNB, como em anos anteriores, outorgou um diploma de reconhecimento, pelos relevantes serviços prestados à Filatelia e Numismática Brasileira, a sócios que se destacaram nessa missão.

Os homenageados de 2019 foram os fundadores Dr. Pedro José Xavier Mattoso, *in memoriam*, que foi entregue a seu neto, Paulo Mattoso, pelo senhor Luiz Borba;



o senhor José Luiz Peron, que foi entregue pelo senhor Gilberto Bailão;



e Hamilton Leite Cruz, que foi entregue pelos sócios José Carlos Lopes de

Carvalho, Gilberto Tenor e pelo vice-presidente Marcello Duarte.



Palestras para iniciantes

Após a abertura do evento, no período matutino, recebemos o Centro de Ensino Fundamental 3, de Sobradinho, com 50 alunos do 9º ano do ensino fundamental, sob a coordenação do professor Daniel Oliveira de Souza, que participaram da palestra “Do réis ao real”, do nosso sócio Paulo Amauri. A palestra despertou um enorme interesse dos alunos, de modo que, no encerramento, eles participaram ainda de uma oficina, na qual receberam um folder para encontrarem, no meio de várias moedas, as de 1, 5, 10 e 50 centavos de 1989.



Nota de agradecimento: o sócio André Oliveira de Souza, que tem uma empresa de transporte escolar, fez a gentileza de buscar os alunos da escola pública CEF 3 de Sobradinho, para que eles tivessem a oportunidade de ser iniciados na arte do multicoletionismo.

No período vespertino recebemos uma turma de 25 alunos do Colégio Militar de Brasília, acompanhados de dois monitores, que participaram da mesma palestra e oficina da turma da manhã. Os alunos foram agraciados, ainda, com moedas oferecidas pelo nosso sócio General Gilson Cavalcanti.



O primeiro dia do encontro foi encerrado com um jantar de confraternização para os expositores e sócios da AFNB.

Segundo dia de evento

O segundo dia foi marcado pelo grande fluxo de visitantes e também pelas palestras para colecionadores de nível avançado.

Pela manhã tivemos a palestra “960 réis e seus recunhos”, feita pelo convidado Paulo Abreu, um profundo conhecedor da matéria e que brindou os participantes com a oportunidade de conhecerem mais a respeito dessa que é uma das moedas mais colecionadas no mundo.



No período vespertino ocorreu a interessante palestra “Cartão postal: de

objetos de comunicação a documentos da história”, proferida pelo nosso sócio Jorge Lara, que traçou uma linha do tempo com registro dos primeiros cartões postais, desde que em 1869 o austro-húngaro Emmanuel Hermann propôs a sua adoção, até o Postcrossing, o que está sendo utilizado de mais moderno nesta modalidade de correspondência.



Ainda no segundo dia, foi dada continuidade à oficina de moedas aos visitantes do nosso encontro e teve início a oficina de filatelia, conduzida pelos Correios, na qual os visitantes, principalmente crianças, podiam escolher 10 selos de uma temática e levar para iniciar sua coleção.



Terceiro dia de evento

Domingo, após dois dias de intensas atividades cujos principais pontos foram as palestras para iniciantes na arte do multicoleccionismo e as de nível avançado, e as oficinas para os visitantes, além da interação entre expositores e os amantes do colecionismo, fomos elogiados pela organização de mais uma edição do Encontro Nacional de Colecionadores de Brasília.



OS SELOS MONOCROMÁTICOS DA SÉRIE 1884-1905

Rubens Cavalcante Júnior - AFNB

A série de selos regulares, “Madrugada Republicana”, “República” e “Comércio”, de 1894-1906, é daquelas que mostram bem as dificuldades, as trapalhadas da Casa da Moeda “republicana”, na tentativa de atender às necessidades crescentes dos Correios em relação aos selos postais: trocas de papéis filigranados, uso de papéis inadequados para a impressão de selos, picotagens grosseiras e defeituosas, uso de chapas desgastadas, remontadas e trocadas nas impressões, alterações e mudanças de matizes de cores.



Por sua quantidade de tipos, riqueza de variações e de defeitos, tem sido daquelas que mais atraíram a atenção de colecionadores, estudiosos de selos e especialistas em variedades, ao longo da história da filatelia brasileira.

Os selos eram impressos no geral em duas cores: uma para o centro e às vezes o valor, outra para o resto do selo. Dos dez

tipos da série: 10, 20, 50, 100, 200, 300, 500, 700, 1000 e 2000 réis, somente o de 50 réis era de uma cor só: azul escuro.

O V Congresso da UPU – União Postal Universal realizado em Washington, em 1897, disciplinou o valor e as cores obrigatórias dos selos postais definitivos a serem usados na correspondência internacional: azul-escuro, no valor equivalente a 25 centavos de francos suíços, para cartas; vermelho, no valor equivalente a 10 centavos de francos suíços, para cartões e bilhetes-postais; e verde, no valor equivalente a 5 centavos de francos suíços, para impressos.

Por essa razão, dentro das séries de selos “Madrugada Republicana”, “República” e “Comércio”, de 1894–1906, foram postos em circulação, a partir de 1900, os selos monocromáticos de 50 réis verde, de 100 réis vermelho e de 200 réis azul, para atender as recomendações da UPU. O 50 réis azul não apareceu mais na série nas tiragens posteriores.



AES GRAVE – A PRIMEIRA MOEDA ROMANA

André Padilha - ANA

Trata-se de um assunto bastante debatido entre os colecionadores, qual seria a primeira moeda cunhada no mundo. Daí, temos diversas teorias que muitas das vezes conflitam em qual seria uma definição adequada para a palavra moeda. Apesar deste conflito em uma questão geral, sabemos que a primeira moeda genuinamente romana seria a série AES Grave.

Para entendermos esse conceito, precisamos lembrar que, nos primórdios do “Império Imortal”, a economia era basicamente voltada para agricultura, onde os pagamentos eram concluídos na modalidade do escambo, havendo assim trocas pontuais de mercadorias e não um efetivo pagamento em um modelo parecido com o que temos hoje.

Assim, não teríamos nenhum motivo para a emissão de qualquer tipo de moeda. Mesmo assim, naquela época, o metal precioso já era definido e usado também nesta modalidade, o escambo. Existindo assim as séries AES Rude e AES Signatum, os precursores da primeira moeda, sobre a qual falaremos em outra oportunidade.

No século III antes de Cristo, perto do ano 289 a.C., é criada assim a primeira moeda romana, possuindo pesos e gravuras perto de um padrão e um modelo inicialmente baseado em uma libra romana de 320g. Segundo Ridgeway e Sydenham, a série Aes Grave é organizada pelo tamanho dos tipos, e não pelo peso.

O As corresponderia a 296 mm e a Uncia a 24,67mm. No sentido de sua

utilidade, seriam os equivalentes aos britânicos Pé (As) e Polegada (Uncia). Claro, mesmo a partir de uma medida primitiva de troca, a padronização em comprimento resulta em uma relação proporcional aproximada entre os pesos de moedas da série.

Sendo assim, a série é constituída por: As (12 uncia), Semis (6 uncia), Triens (4 uncia), Quadrans (3 uncia), Sextans (2 uncia) e Uncia (22,75gr/24,67mm). Note que as moedas da série são denominadas conforme a fração da unidade As. Ou seja, Triens, sempre com três pontos como valor, é um terço do As. Semis, com a letra de valor “S”, é metade do As.

Cada unidade dessas possuía uma gravura padrão pré-estabelecida, com uma capacidade artística que, para a época, era bastante avançada.

Sendo a mais comum a figura do reverso, que apresenta a frente de uma tribuna romana, um modelo específico de embarcação da época onde sua representação dignificava a soberania e o poderio marítimo romano.

A Série AES Grave foi suficiente para Roma até a segunda grande guerra púnica no ano de 201 antes de Cristo, quando a economia encontrou-se tão desvalorizada e abalada que houve a necessidade de uma grande reforma cambial. Foram criadas as moedas de prata para circulação, desvalorizando assim o cobre, a “moeda” mais barata.

Concluindo isto, vamos conhecer um pouco a série que possui o total de seis moedas diferentes. Interessante sa-

ber também que, segundo Sydenham, estas moedas apresentam 68% de cobre, 8% latão e 24% chumbo. Essa combinação resulta em uma linda coloração característica do bronze romano, sofrendo alterações para uma concentração maior de cobre apenas no início do Baixo Império.

Uncia



A Uncia (do latim, décima segunda parte), era a medida padrão para uma polegada, onde romanos mediam o comprimento com o próprio polegar. É a largura de um polegar humano regular, medido na base da unha, a qual, num ser humano adulto, é de aproximadamente 2,5 cm (25,4mm). Aqui temos três anversos conhecidos, sendo “knucklebone”, emitido entre 289–245 a.C.; “Barley”, emitido entre 280–245 a.C. e mais visto, que se trata de um busto com capacete romano (Gálea) voltado à esquerda, produzido em 240 a.C.

Sextans



O Sextans era equivalente a um sexto de um As, ou duas unciae, forma mais correta de ser descrita. Mesmo que,

comumente, pensamos em dividir e não em multiplicar como acontece nas moedas modernas, o correto nesses casos é partir da menor moeda para a maior, tanto é assim que há uma representação na moeda de dois pellets (pontos) cada um indicando uma uncia, ou seja, duas unciae equivalem a um sextans. Já nessa peça encontramos uma variedade maior de gravuras, podemos encontrar esta peça com representações como uma águia, os irmãos Romulus e Remus sendo alimentados pela deusa Lupa, o busto do deus Mercúrio, bem como um caduceu ou um scallop (concha).

Quadrans



O Quadrans, literalmente “um quarto”, também é conhecido como tetruncius (três unciae), como descrito anteriormente. Nesta peça havia a presença de três pontos, representando assim uma uncia cada. Apesar da peça mais vista ser a com a face de Hércules, existem variações com mãos, estrelas, águias ou mesmo cavalos. A denominação Quadrans foi produzida de forma irregular até Antoninus Pius em 138-161 d.C..

Triens



A PRIMEIRA FACULDADE DE MEDICINA DO BRASIL

Aluisio Queiroga – AFNB

Em 1806, Napoleão Bonaparte declarou o bloqueio continental determinando que os países europeus fechassem os portos para os navios da Inglaterra. Os portugueses não aderiram ao tal bloqueio, razão pela qual as tropas francesas invadiram Portugal em novembro de 1807. Antes disso, porém, em 22.10.1807, Portugal e Inglaterra haviam assinado uma convenção secreta que transferia a sede da monarquia portuguesa para o Brasil, a maior e mais rica colônia portuguesa. Portugal, após fixar-se no Brasil, comprometia-se a continuar aliado da Inglaterra, importando e exportando produtos, mantendo seus lucros e não perderia o reinado. Assim, sob a indignação do povo português, o Príncipe Regente D. João e toda a família real rumaram para o Brasil na data de 29.11.1807, pouco antes dos franceses invadirem Lisboa. A esquadra portuguesa atravessou o Atlântico e chegou à Bahia no dia 22.01.1808. Seis dias após, ou seja, em 28.01.1808, D. João decretou a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, acabando com o monopólio colonial e permitindo ao Brasil a comercialização com outros países e não apenas com a Metrópole ou com a intermediação portuguesa. Em um segundo ato, assinado em 13.02.1808, D. João criou na cidade de Salvador, à época com 60.000 habitantes, a Escola de Cirurgia da Bahia, que viria a se tornar a faculdade de medicina mais antiga do país. Na condição de colônia de Portugal, o Brasil havia permanecido mais de 300 anos sem autorização para oferecer

curso superiores à população, proibição essa que foi revogada por D. João com a criação da referida Escola, marcando o fim do bloqueio educacional que impedia o desenvolvimento da nação. Com essas duas primeiras medidas tomadas pelo Príncipe Regente restou interrompida a estrita dependência com que Lisboa mantinha os seus domínios americanos, renunciando as grandes reformas que D. João faria no Brasil.

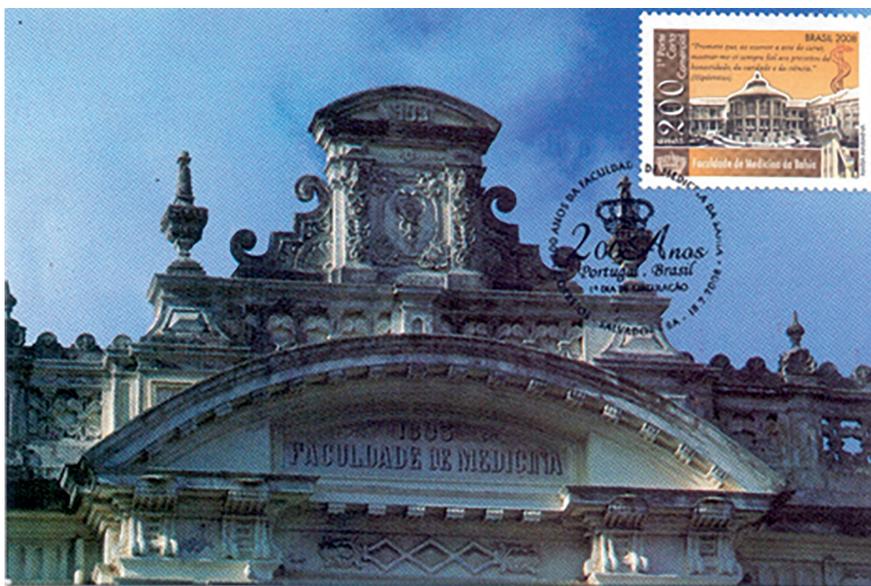
No início, a Escola de Cirurgia da Bahia funcionava no antigo Hospital Real Militar da Cidade de Salvador, que ocupava o prédio do Colégio dos Jesuítas, fundado em 1553, no “Largo Terreiro de Jesus”. Em 01.04.1813 a Escola se transformou em Academia Médico-Cirúrgica, e, em 03.10.1832, ganhou o nome de Faculdade de Medicina da Bahia. Começaram, então, a florescer o ensino, a ciência e a cultura no então império tropical português. Em 1891 a escola foi denominada Faculdade de Medicina, Farmácia e Odontologia e, por fim, em 1946, passou a chamar-se Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, denominação que guarda até hoje.

O processo de fundação da Faculdade de Medicina da Bahia teve a contribuição do pernambucano José Correia Picanço, professor de Anatomia da Universidade de Coimbra e cirurgião-mor da Real Câmara que acompanhou o Príncipe Regente em sua vinda para o Brasil. Picanço nomeou os dois primeiros professores da Faculdade: o português José Soares de Castro e o baiano Manoel Jozé Estrella, ambos renoma-

dos cirurgiões militares, habilitados pelo Colégio São José, em Lisboa, o que lhes conferia legitimidade e competência para o exercício da docência.

Com a criação da escola de medicina na Bahia iniciaram-se as pesquisas tropicalistas, médico-legais, psiquiátricas e antropológicas, determinando a expansão da cultura médica nacional e a implementação de procedimentos avançados no tratamento de doenças típicas do país. Vultos como Alfredo Thomé de Britto, Nina Rodrigues, Oscar Freire, Juliano Moreira, Pirajá da Silva, dentre outros, projetaram, nacional e inter-

acadêmicas e aos primeiros grupos de movimento estudantil, responsáveis por embates em prol da abolição da escravidão e da causa republicana, além da luta pela restauração do Estado de Direito, quando as liberdades democráticas foram violadas. Nos salões da Faculdade ocorreram calorosas discussões, acirrados debates e até mesmo lutas armadas, que marcaram os rumos tomados no cenário político e social em diversas fases da nossa história. A sede da Faculdade de Medicina chegou a ser invadida por tropas governamentais em 22.08.1932, o que não impediu



nacionalmente, a Faculdade pelas suas atuações nas áreas de ensino e pesquisa.

A Faculdade destacou-se também pela sua liderança fundamentada na formação humanística dos seus mestres e na sua influência perante a comunidade. Em momentos históricos do Brasil, a participação de funcionários, estudantes e professores deu origem, ainda no século XIX, às primeiras ligas

a sua participação em movimentos futuros como a campanha “O Petróleo é Nosso”, na década de 1940, a resistência ao regime militar instituído em 1964 e o empenho pela redemocratização no país, na década de 1980.

A defesa pelo voto feminino teve também o apoio da Faculdade. Sua primeira docente, Dra. Francisca Pragner Fróes, liderou nos anos 30 do século XX,

o movimento por esse direito. A Dra. Francisca foi também uma das primeiras mulheres brasileiras a publicar artigos em revistas especializadas. Nesse contexto, a Faculdade de Medicina da Bahia já havia sido pioneira, quando diplomou, em 1887, a primeira mulher brasileira graduada em medicina no Brasil, a gaúcha Dra. Rita Lobato Velho Lopes.

No final do século XIX surgiu um importante movimento científico, intitulado “Escola Tropicalista Baiana”, cujas contribuições originais, em grande parte, foram descritas na primeira revista especializada do Brasil, a Gazeta Médica da Bahia, criada em 1866. No início do século XX a Faculdade foi a primeira instituição do país a implementar o uso clínico dos raios X, com o professor Alfredo Thomé de Britto. Nesse período foi implantado o Instituto Médico Legal da Bahia, transformado depois no Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, em homenagem ao professor Raymundo Nina Rodrigues, pioneiro da Medicina Legal e da Etnopsiquiatria no Brasil. Em 1908, o professor Manuel Pirajá da Silva, membro da Escola Tropicalista Baiana, descreveu as bases fundamentais para identificação do *Schistosoma mansoni*, agente causador da esquistossomose, descoberta essencial para o melhor entendimento e controle dessa doença endêmica.

Todo o acervo histórico da Faculdade de Medicina da Bahia, desde a sua fundação, foi recolhido e catalogado pela Universidade Federal da Bahia, para compor o extraordinário “Memorial da Medicina”, instalado na antiga Escola.

O cartão-postal utilizado na preparação do máximo postal que ilustra o presente artigo foi editado pelo “Memorial da Medicina”, Salvador/BA, e mostra um detalhe arquitetônico do

antigo prédio da Faculdade. O selo, emitido em 18.02.2008, com arte de Maria Maximina, comemorou os duzentos anos da Faculdade de Medicina da Bahia e faz parte da série de selos que festejou o bicentenário da chegada da família real portuguesa ao Brasil. Dentre outros aspectos, o selo mostra o suntuoso prédio da Faculdade, a coroa representando Portugal, um trecho do Juramento de Hipócrates e o símbolo da Medicina. O carimbo, da cidade de Salvador/BA, alusivo à emissão, traz também a ilustração da coroa que simboliza a monarquia portuguesa e a inscrição “200 Anos da Chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil”.

Bibliografia:

1. Amaral, Jorge Luiz do, “Duzentos anos de ensino médico no Brasil”, Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 2007.
2. Azevêdo, Eliane Elisa de Souza e, “Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia – Terreiro de Jesus: Memória Histórica 1996-2007”, Editora da Academia de Medicina de Feira de Santana/BA, 2008.
3. “Memorial da Medicina – Bahia - A História da Medicina Brasileira”, S/Ed., apoio do Governo do Estado da Bahia e colaboração HAS.
4. “200 Anos da Chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil”, Correios, Edital nº 1.
5. Neto, José Tavares, “200 anos da Faculdade de Medicina da Bahia”, Correios, Edital nº 4, 2008.
6. Máximo postal do acervo do autor.

Endereços virtuais acessados: wikipedia; imaginologia.com.br; ameb.ufba.br ; infoescola.com

150 ANOS DO CARTÃO-POSTAL

Aluisio Queiroga – AFNB

Ele pode ser considerado o avô do Instagram. Por meio do cartão-postal, que comemorou 150 anos no 1º de outubro, as primeiras imagens de monumentos, fatos históricos, personalidades, cidades e infinita temática começaram a ser compartilhados e rodar o planeta.



Para celebrar esse ícone postal, o Museu Correios, em Brasília, lançou a exposição “O mundo em suas mãos: arquitetura em formas, cores e beleza”. Até 27/10, a mostra retratou a beleza arquitetônica de diferentes lugares e civilizações por meio de cartões postais do mundo inteiro.

Criado em 1869 por Emmanuel Hermann, na Áustria, inicialmente como meio de comunicação para baratear as correspondências, o “Correspondenz-Karte” surgiu como uma simples cartolina, contendo apenas o selo, o espaço para menção do destinatário e um local, no verso, para mensagens curtas.



O sucesso foi tanto que, um ano depois, a ideia foi adotada oficialmente na Alemanha, Inglaterra, Suíça e Luxemburgo e, em 1875, em todos os países membros da União Postal Universal (UPU). No Brasil, o cartão-postal foi criado pelo Decreto nº 7695, em 1880, pelo Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, conselheiro Manuel Buarque de Macedo.

A aceitação foi altíssima. Quatro anos depois de adotada, essa correspondência aberta e sem envelope quase ultrapassou a circulação de cartas comuns, com mais de 200 mil unidades enviados. Em 1909 foram 15 milhões de cartões-postais circulando no RJ – quando a população era de 20 milhões de pessoas.



O cartão-postal como conhecemos hoje surgiu, em 1902, na Inglaterra, com a introdução de imagens e, mais tarde, fotos na parte da frente e o endereço do destinatário no verso. Mas foi em 1906 que o verso dividido entre destinatário e espaço para mensagem entrou em cena.

O meio de comunicação ficou ainda mais popular com a chegada da fo-

tografia, que ainda era cara e dava seus primeiros passos. Até a Primeira Guerra Mundial, o cartão postal foi o grande difusor dessas fotos em uma sociedade ávida por conhecimentos e imagens e que ainda não contava com a televisão. Era a era de ouro dos postais, época em que toda família com alguma posse tinha um álbum que mostrava orgulhosamente aos parentes e amigos.

A história da fotografia se confunde tanto com a dos postais que, no Brasil, há inúmeros fotógrafos que também foram editores de seus próprios cartões. Entre os três mais famosos no país no início do século XX estão Guilherme Gaensly, que reuniu centenas de imagens da Bahia e de São Paulo, Marc Ferrez, o fotógrafo do Rio de Janeiro por excelência, e Augusto Malta, considerado o cronista fotográfico de sua época.

Tanta variedade e beleza encantam milhares de pessoas, que se dedicam a colecionar os postais. São os cartofilistas. Seja para reunir belas fotos e ilustrações ou guardar imagens dos lugares que visitou ou pretende visitar, esses colecionadores mantêm a história viva.

Com significado e com afeto

Em mundo cada vez mais virtual e descartável, formas de comunicação com significado são raras. Agora imagine alguém que o escolheu, escreveu à mão uma mensagem só para você, colocou um selo e depois enviou-o por correio. Esse é o *Postcrossing*, um projeto de rede social que, em vez do bate-papo virtual, faz milhares de pessoas no mundo inteiro interagirem por meio da troca de cartões postais enviados pelo correio.

Tudo começou em 2005, no apartamento de um estudante universitário

de Portugal. Paulo Magalhães queria se comunicar com outras pessoas do seu e de outros países, mas queria sentir essa comunicação nas mãos. E, como sempre gostou de cartões postais, teve a ideia de criar um site em que outras pessoas com o mesmo interesse pudessem trocar cartões postais. Daí surgiu o nome “*Postcrossing*”.

Atualmente há quase 780 mil membros, sendo pouco mais de 9 mil do Brasil. Em 14 anos de projeto, já foram enviados mais de 53 milhões de postais.

Para entrar na brincadeira, o primeiro passo é criar uma conta gratuita no site (www.postcrossing.com). Ele está em inglês, mas você pode usar o tradutor do seu navegador, caso prefira. Antes de enviar um cartão postal, é preciso concordar com as diretrizes do projeto, que são as regras de convivência da comunidade.

Ao aceitar as diretrizes, se recebe um código de identificação do cartão postal, o endereço do destinatário escolhido aleatoriamente por meio de um algoritmo e o perfil escrito por essa pessoa. O código é composto das iniciais do seu país e um número único. O código do Brasil começa com “BR-”.

A partir daí, basta escrever uma mensagem no cartão (muitos usuários dão dicas sobre que tipo de mensagem gostariam de receber), o endereço, o código e levar a uma agência dos Correios. Há também a opção de selar e deixar em uma caixa de coleta dos Correios.

Assim que o destinatário receber e registrar o postal no site, outra pessoa em algum lugar do Brasil ou do mundo estará recebendo seu endereço e perfil para lhe enviar um cartão.



No período de 01 a 27 de outubro aconteceu no Museu Correios em Brasília, a exposição “O mundo em suas mãos: arquitetura em formas, cores e beleza”. A mostra apresenta parte do acervo de cerca de 44 mil cartões postais, fruto de uma doação ao museu.

Na ocasião foi lançado o selo personalizado em homenagem aos 150 Anos do Cartão-Postal. Obliterou a peça Jorge Lara, *postcrosser*, filatelista e cartofilista, membro da Associação Filatélica e Numismática de Brasília.



A programação ainda incluiu ciclo de debates e palestras: “A rede *Postcrossing* e o Cartão-postal como objeto de comunicação”.



SEMANA NACIONAL DO CORREIO AÉREO DOS EUA 1938

Enriqueta Bertolini

Em 1938, durante a Grande Depressão, as companhias aéreas elaboraram uma campanha para tentar se manter economicamente à tona. Esta campanha foi lançada pelo Presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt e pelo Chefe Geral de Correios James Farley. Consistiu em criar, em comemoração ao 20º Aniversário do Serviço de Correio Aéreo, a Semana Nacional do Correio Aéreo. Consistia em enviar uma carta de um Estado para outro a um custo de 6 centavos. Cada envelope especial partia do aeroporto de uma determinada cidade, que aparecia inscrito em cada um desses envelopes. O transporte dos envelopes foi feito em 43 voos especiais de pilotos famosos e pilotos femininos. Durante a semana, mais de 16 milhões de cartas foram transportadas, deixando ganhos importantes para as companhias aéreas e o correio norte-americano. A semana estendeu-se de 15 a 21 de maio de 1938.



HARD TIMES TOKENS: AS MOEDAS DO PÂNICO DE 1837

Plínio Pierry - Collectgram

Os *Hard Times Tokens* (fichas dos tempos difíceis, em tradução literal), são fichas de cobre cunhadas entre 1833 e 1843 do tamanho das moedas de *One Cent* americanas (moedas conhecidas como *Large Cents* por medirem 28,57 mm de diâmetro) e dos antigos meio centavos (que mediam de 22 a 23,50 mm), servindo como moedas não oficiais.



One Cent americano de 1831

Essas peças eram de fabricação privada e foram usadas como moedas de circulação alternativa para trocas, bem como para propaganda e sátira política durante os tempos de crises políticas e financeiras dos Estados Unidos da América no período denominado de Pânico de 1837, motivos que as levaram a ganhar o apelido de *Hard Times Tokens* ou fichas dos tempos difíceis.

Hoje, essas fichas são colecionáveis e muito valorizadas para estudo das moedas de necessidade/escassez e para a história política americana.

Como surgiram

O cenário é dos Estados Unidos em 1832, no final do primeiro mandato do então presidente Andrew Jackson

(Waxhaws, 15 de março de 1767 — Nashville, 8 de junho de 1845).

Um detalhe curioso de Andrew Jackson que vale a pena citar é o fato de ele ser chamado de “burro” por seus opositores e críticos, um apelido que ele gostou tanto que adotou a figura do burro como seu símbolo por um período.

Isso foi tão significativo que mais tarde o Partido Democrata dos Estados Unidos adotou o burro como mascote, popularizado pelo cartunista Thomas Nast.

Populista ao ponto de ser o primeiro presidente a convidar o povo para o baile em homenagem a sua posse, Andrew Jackson iniciou a sua corrida de reeleição pedindo o fim do Segundo Banco dos Estados Unidos, fundado em 1816, cinco anos depois do Primeiro Banco dos Estados Unidos.

Após ser reeleito, Andrew Jackson trabalhou para enfraquecer o banco antes de janeiro de 1836, data que vencia a carta-patente do Congresso que autorizava o funcionamento do banco como uma entidade federal, e conseguiu.

Sem o Segundo Banco dos Estados Unidos, os bancos estaduais tentaram preencher a falta de dinheiro e emitiram uma grande quantidade de cédulas em papel moeda, aumentando a inflação.

Na esperança de deter a inflação e a especulação de terras públicas, Andrew Jackson e seu secretário do Tesouro, Levi Woodburry, emitiram uma Circular de Espécime em 11 de julho de 1836.

Essa circular foi um tipo de ordem executiva presidencial, chamada de Lei de Cunhagem (ou Lei das Moedas de 1836), que obrigava os bancos e outras entidades que recebiam dinheiro público a aceitarem apenas moedas de ouro e prata como pagamento de terras públicas, a partir de 15 de agosto de 1836.

Em vez dos resultados positivos esperados, a circular causou o fim de um período de prosperidade econômica gerando pânico que levou a população a acumular dinheiro em casa.

Sem dinheiro circulando, os bancos e comerciantes começaram a ter problemas financeiros e não demorou muito para que os efeitos da decisão de Andrew Jackson fossem sentidos em todo o país, à medida em que os bancos e empresas fechavam e uma depressão financeira surgia.

A essa altura, o vice-presidente de Andrew Jackson, Martin van Buren, era o novo presidente eleito dos Estados Unidos e o período de dificuldades econômicas, o chamado pânico de 1837, durante o mandato de Martin van Buren passou a ser conhecido como “tempos difíceis” ou *Hard-times* em inglês.

Foi nesse cenário que começaram a surgir a cunhagem e circulação de *Hard Times Tokens*, que foram usadas para dois propósitos específicos:

Propagandas e sátiras políticas

As fichas de tempos difíceis foram usadas como propaganda e sátiras políticas a favor e contra Andrew Jackson e seu vice-presidente, depois presidente, Martin van Buren.

Um exemplo disso foi quando cunharam fichas com um desenho de burro (referenciando Andrew Jackson, como já citamos acima) e os dizeres

“*I follow in the steps of my illustrious predecessor*” (eu sigo os passos do meu ilustre antecessor), em referência a uma frase do discurso de posse de Martin van Buren.



Hard times token 1837 (HT-34): o burro e a tartaruga com parte do discurso de posse de Martin van Buren



Hard times token n° 71: Roman Firmness



Hard times token de 1838 (HT-63): essa foi uma emissão para fins políticos



Hard-times token de 1834 (HT-9) emitido pela oposição Whig do partido Democrático, que foi contra o fechamento do Segundo Banco dos Estados Unidos. O uso repetido do MY (MEU) é uma referência a acusação dos Whigs à Andrew Jackson de usar poderes ditatoriais para con-

trolar recursos. Propaganda e trocas no comércio

Outro uso dos *Hard Time Tokens* foi de propaganda nos comércios locais, quando os proprietários cunhavam essas fichas com o objetivo de fazer propaganda de seus negócios e circular uma ficha que poderia ser trocada por dinheiro real, principalmente pela falta de moeda corrente no comércio.



Hard times token de 1837 (HT-66): apresenta a fênix no anverso como referência de que o dinheiro de papel moeda só servia para ser queimado



Hard times token de 1841 (HT-22): emitido por Daniel Webster, apresenta o navio "Constitution" no anverso navegando em águas calmas, mas no reverso o navio "Experiment" em uma tempestade com raios e navegando em direção a rochedos



Hard times token da Tontine Coffee House, utilizado para troca nos seus estabelecimentos



Hard times token de 1837 (HT-47): muito parecida com o One Cent, tinha inclusive as 13 estrelas e legenda "E PLURIBUS UNUM" no anverso. A inscrição "NOT ONE CENT" era empregada no reverso para evitar que fossem consideradas falsificações



Hard times token (HT-293) usado para troca no comércio apresentando no anverso um prédio em Wall Street, na cidade de Nova York, construído em 1827 e destruído no grande incêndio de 1835.



Hard-times token de 1900 (HT-M19): esse é um token mais recente, cunhado em 1900 pela Joalheria C.D. Peacock de Chicago. A data de 1837 é a data de fundação da companhia.

OS SELOS DE MEMEL

Memel (Klaipeda), foi uma importante região comercial no Mar Báltico que se encontrava nos limites orientais da Prússia. O porto principal era um centro de comércio e envios chave, e funcionava como uma porta de entrada estratégica para a grande lagoa de Curlândia. Memel foi incluída no Império alemão em sua formação em 1871, no entanto, após a derrota dos alemães na Primeira Guerra Mundial, separou-se da Alemanha e foi designada como Território de Memel sob a administração da Conferência de Embaixadores, que depois tornou-se parte da Liga das Nações em 1925.

Depois da Guerra, as nações bálticas, incluindo a Lituânia, obtiveram a independência da Rússia. A recém-formada república desejava Memel (Klaipeda em lituano), uma vez que era o único porto viável no Báltico para a região. Não contente que a Conferência de Embaixadores se inclinara por converter Memel em uma cidade livre (como Danzig), a Lituânia começou a enviar ativistas para as cidades e aldeias da região para estimular o apoio ao governo lituano. Embora a cidade de Memel era principalmente alemã, o campo tinha uma importante população lituana. Finalmente, antes de uma reunião importante para decidir o futuro de Memel, a milícia lituana vestida com trajes civis entrou na cidade e instigou a Revolta de Klaipeda, no dia 10 de janeiro de 1923.

As nações aliadas fizeram várias ameaças e exigiram a retirada das tro-

Santiago Zubilet - Filatelia La Plata

pas lituanas, no entanto, não estavam dispostas a intervir militarmente temendo que a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS apoiaria os lituanos ameaçando com outra guerra. Finalmente, ao perceber que era um fato consumado, a Conferência de Embaixadores reconheceu a ocupação lituana em 16 de fevereiro de 1923. As duas partes acordaram que Memel, rebatizada como Klaipeda pelos lituanos, poderia se tornar uma região autônoma dentro da Lituânia. Foi exigido que a Lituânia permitisse a liberdade de trânsito entre a Lagoa de Curlândia e o Báltico, reconhecesse o lituano e o alemão como línguas oficiais e permitisse a liberdade de religião, uma vez que a Lituânia era católica e a população alemã era luterana.

Em 8 de maio de 1924, a Conferência de Embaixadores e a Lituânia concluíram o acordo na Convenção de Klaipeda. O acordo entrou em vigor no dia 25 de agosto de 1925, quando foi ratificado pela Liga das Nações.

Ainda em 1920, de acordo com o Tratado de Versalhes, à área alemã ao norte do Rio Memel foi dado o status de Território de Memel, sob administração do Conselho de Embaixadores, e foram enviadas tropas francesas para dar proteção a essa entidade. Durante o período de administração francesa, a ideia de um Estado independente de Memelland cresceu em popularidade entre os habitantes locais. A organização "Deutsch-Litauischer heimatbund" (Federação Pátria Germano-Lituana)

promoveu a ideia de um Freistaat Memelland (Estado Livre de Memelland), que posteriormente deveria ser devolvido à Alemanha. Tinha 30 mil membros, tanto etnicamente alemães como lituanos, perto de 21% da população.

Os franceses assumiram a administração do Território de Memel para os aliados, então os selos franceses foram sobretaxados. Houve uma emissão inicial em 1920 de 12 selos de origem francesa com sobretaxa.

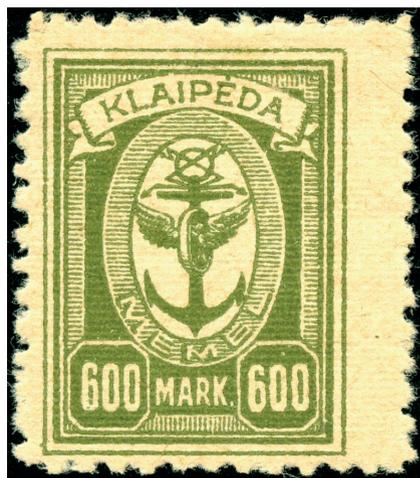


Durante o período de ocupação, a Lituânia emitiu cerca de 120 selos diferentes no lapso de menos de um ano (fevereiro-dezembro de 1923). Os primeiros selos foram emitidos no início de fevereiro de 1923, quando a Lituânia tomou selos oficiais sem emitir, imprimiu sobre Klaipeda (Memel) e os sobretaxou em moeda alemã.

A partir de 28 de fevereiro de 1923 a Lituânia emitiu os seus primeiros selos impressos para Klaipeda. O con-

junto era de um design semelhante aos selos oficiais lituanos com o *Vytis*, o cavaleiro montado que é símbolo nacional da Lituânia.

Em 12 de abril de 1923, os lituanos lançaram um conjunto adicional de 13 selos com três designs diferentes: um barco, uma âncora e um farol.



Todos esses selos foram emitidos em marcos, a moeda da Alemanha.



A partir de 16 de abril de 1923, a Lituânia mudou as unidades monetárias oficiais em Klaipeda para litas lituanas. (100 centu = 1 litas).

Os selos começaram a ser impressos adequadamente. Até o final

de 1923, as autoridades postais continuaram a imprimir os selos de Klaipeda em moeda lituana.



Houve mais de 60 selos diferentes emitidos, no entanto, as diferentes variedades de placas, tipos de sobreimpressão e erros atingem as centenas.



Todos os selos de Klaipeda foram válidos até o dia 8 de agosto de 1925.



Em 23 de março de 1939 a Lituânia foi forçada por um ultimato a devolver Memelland ao Terceiro Reich alemão.

No final da Segunda Guerra Mundial, as terras foram devolvidas à Lituânia, mas desta vez como membro da URSS.

Desde o colapso da União Soviética em 1991 faz parte da República da Lituânia, contida entre as províncias de Klaipeda e Tauragė. A fronteira, que foi estabelecida no Tratado de Versalhes ao longo do rio, permanece com efeito como a atual fronteira internacional entre a Lituânia e o Oblast de Kaliningrado.



Instagram
afnb.bsb

A MOEDA MAIS CARA DO MUNDO

Qual a moeda mais cara do mundo? Estamos falando da moeda de 1794 *Flowing Hair Silver Dollar*, considerada a primeira moeda de dólar cunhada pelos Estados Unidos, com raridade-4 e que possui a marca do *silver plug*, o Specimen-66 certificado pela PCGS.

Essa é considerada a moeda mais cara ou valiosa do mundo, isso se levarmos em consideração somente moedas que foram vendidas através de leilões públicos.

Antes de apresentar a imagem da moeda mais cara do mundo, um detalhe que precisamos deixar claro é: o mais importante na moeda não é seu valor, mas sim sua raridade.

Alguns dos fatores que determinam a raridade de uma moeda são: a sua importância histórica, o seu estado de conservação e a população dessa moeda, ou seja, quantas delas sobreviveram ao longo do tempo.

A história por trás da moeda mais rara e valiosa do mundo

Antes da promulgação da Lei de Cunhagem dos Estados Unidos de 1792, várias moedas circulavam pelas colônias e, mais tarde, pelos estados. Algumas moedas foram produzidas pelas próprias colônias e estados, como Massachusetts, Connecticut e New Jersey, e algumas foram produzidas por países estrangeiros. Na verdade, moedas estrangeiras foram aceitas como moeda legal nos Estados Unidos até meados do século XIX.

Plínio Pierry - Collectgram

Ao se deparar com a questão de se os EUA deveriam considerar a possibilidade de produzir suas próprias moedas, o Congresso recebeu várias propostas - incluindo um contrato proposto por uma Casa da Moeda de outro país já estabelecida, que se gloriava por suas habilidades em produzir moedas de alta qualidade a preços baixos.

O secretário de estado Thomas Jefferson foi designado para avaliar essa proposta, e seu relatório ao Congresso em 14 de abril de 1790 foi muito eloquente. Embora reconhecendo que os Estados Unidos precisariam estabelecer sua própria cunhagem ao custo de algum investimento e que a produção inicial dessa casa da moeda poderia ser de qualidade inferior, Jefferson foi sucinto ao recomendar que a proposta estrangeira fosse recusada, afirmando que “a cunhagem é uma atribuição peculiarmente soberana. Transferir seu exercício para outro país é submeter-se a outra soberania”.

Jefferson foi igualmente franco sobre o seu apoio ao uso do dólar como a unidade monetária básica da moeda para os Estados Unidos. Em seu relatório ao Congresso, ele declarou:

“Eu questiono se uma medida comum de tamanho mais conveniente do que o dólar poderia ser proposta. Os valores de 100, 1.000, 10.000 dólares, são bem mais facilmente estimados pela mente; assim é também o da décima ou centésima parte de um dólar”.

Ele passou a descrever o quão confuso outras unidades monetárias poderiam ser, afirmando:

“Todo mundo conhece a facilidade da aritmética decimal. Cada um lembra que, quando aprendia aritmética de dinheiro, costumava ficar intrigado com a adição dos *farthings* (uma antiga unidade monetária do Reino Unido, equivalente a um quarto de um centavo), pegando os quatro e carregando-os; acrescentando o *pence*, tirando os *twelves* e carregando-os acrescentando os *shillings*, tirando os *twentieths* e levando-os adiante, mas quando chegam nos *pounds*, quando tem apenas dez para levar adiante, é fácil e livre de erros aritméticos.

A maior parte das pessoas tem os conhecimentos de quando eram garotos de escola durante a vida. Essas pequenas complexidades são sempre grandes para elas, e até cabeças matemáticas sentem alívio quando têm que escolher entre um processo mais fácil e um mais difícil de substituir.

Certamente, em todos os casos em que somos livres para escolher entre modos de operação fáceis e difíceis, o mais racional é escolher o fácil.

O financista, portanto, em seu relatório, bem propôs que nossas moedas devem estar em proporções decimais um para o outro. Se adotarmos o dólar como nossa unidade monetária, devemos cunhar quatro moedas, uma de ouro, duas de prata e uma de cobre.

(1) Uma peça de ouro, igual em valor a dez dólares; (2) A unidade, ou dólar em si, de prata; (3) O décimo de um dólar, de prata também; (4) O centésimo de um dólar, de cobre”.

Dito isto, sem dúvida, para os fundadores dos Estados Unidos, a produção doméstica de moedas, e mais essencial, a produção de dólares de prata, era vista como de grande importância histórica nacional.

Assim, as moedas a serem produzidas naquele momento não seriam ape-

nas ferramentas metálicas usadas para comércio, mas representavam para os Fundadores a circulação e a declaração para o mundo da soberania dos Estados Unidos.

A criação do dólar de 1794

No início de 1794 o gravador Robert Scot começou a preparar os desenhos para o dólar de prata.

O desenho inicial de Scot mostrava um busto da Liberdade no anverso, enquanto o reverso exibia uma águia, ambos exigidos pela Lei de Cunhagem de 1792.

O desenho de Scot seguiu a mesma linha do seu desenho para o centavo, mas o barrete frígio, uma espécie de gorro, touca ou carapuça originalmente utilizada pelos moradores da Frígia, antiga região da Ásia Menor onde está situada hoje a Turquia, foi retirado do desenho.

Posteriormente, funcionários do governo instruíram Scot a incluir uma coroa de ramos ao redor da águia e a mover a legenda do reverso para a borda da moeda.

Depois de receber aprovação, Scot começou a gravar as matrizes para a nova moeda de dólar de prata.

Cuidado extra foi adotado durante a gravação desta moeda, porque o dólar seria a maior moeda americana, e assim seria mais cuidadosamente examinada por outros países. Essa era uma preocupação de os Estados Unidos apresentar-se bem perante as outras nações.

As letras da legenda foram elaboradas por Frederick Geiger, que trabalhou como tipógrafo para vários jornais e revistas da época.

Depois que as matrizes foram criadas, várias peças de teste foram cunhadas em cobre. As autoridades

decidiram acrescentar no anverso 15 estrelas no rebordo da moeda, representando os quinze estados que haviam ratificado a Constituição até aquele momento, ao redor da Liberdade com o rosto voltada para a direita.

A moeda de dólar mais valiosa do mundo



Imagens de Stack's Bowers Galleries

A descrição completa da moeda é “1794 Flowing Hair Silver Dollar. B-1, BB-1, the only known dies. Rarity-4. BB Die State I. Silver Plug. Specimen-66 (PCGS). CAC.” e pode ser traduzido literalmente como “Dólar de Prata de 1794 Flowing Hair. B-1, BB-1, o único cunho conhecido. Raridade-4. Estado

de Cunho BB I. Com plug de prata. Specimen-66 (PCGS). CAC.”

É possível rastrear a procedência ou pedigree dessa moeda desde a coleção Virgil Brand e a primeira venda pública em 1945 até a aquisição da mesma através de um acordo privado de US\$ 7.850.000 entre Steve Contursi e a *Cardinal Collection* em 2010.

Mas esse não seria o mais alto valor pago nessa moeda e quando as notícias sobre sua venda pela *Cardinal Collection* se espalharam pela comunidade numismática, na verdade se estendendo por todo o mundo, esse tesouro histórico em particular atraiu a atenção por todos os lados.

Como o melhor exemplar conhecido do primeiro dólar de prata dos Estados Unidos, esta peça é um marco por excelência, uma moeda única que pode ter sido o primeiro dólar de prata cunhado pelos Estados Unidos.

O anúncio da venda dessa moeda em leilão público foi tão único que foi tratado como algo que definia o termo “oportunidade única na vida”.

Para explicar melhor como a oportunidade de comprar uma peça assim é única, se uma dessas aparecer para você comprar e você perder a oportunidade, ela pode ser adquirida para uma coleção institucional, e pode ser que não reapareça no mercado novamente durante toda sua vida, se é que algum dia ela volte ao mercado.

A moeda é de fato uma lenda, única de seu tipo, e possui grande significado histórico e numismático. É certamente uma das maiores raridades da numismática americana, isso dito não por mim, mas pela Stack's Bowers Galleries, uma das mais prestigiadas do mundo, que ficou responsável pelo seu leilão.

De acordo com a PCGS, de todos os estados de conservação desse tipo de moeda já certificadas por eles, só existe essa moeda com a designação de *Specimen*, utilizado para designar moedas cunhadas de 1792 a 1816 que apresentam muitas das características da cunhagem *proof*.

Além disso, essa moeda possui a classificação MS-66 (*Mint State*) da Escala Sheldon, ou seja, considerada uma moeda Flor de Cunho quase perfeita, haja vista que a classificação MS vai de MS-60 a MS-70.

O que são os B1, BB-1, BB Die State I, Silver Plug e CAC?

O código B1 é a referência para um tipo de classificação de variantes de moedas de dólar que foi criada em 1950, quando Milford H. Bolender publicou um livro de referências baseado em sua própria coleção especializada de *Bust Dollars*.

Ele descreveu e ilustrou cada variante conhecida na época e atribuiu um código com a letra B seguido de números para cada moeda. O livro foi extensivamente revisado pelo famoso colecionador Jules Reiver em 1988.

Um segundo livro de referência, *Silver Dollars & Trade Dollars of the United States: A Complete Encyclopedia, Vol. One*, escrito em 1993 por Q. David Bowers e Mark Borckardt corrigiu e atualizou o livro de Bolender. A partir daí cada variante conhecida recebeu um código com as letras BB seguido de números.

Se você acha demais a classificação de variantes, há ainda a classificação do estado de conservação do cunho (*Die State*) que determina a variação na aparência da moeda de acordo com o desgaste ou alteração dos cunhos usados na confecção da moeda.

Isso é identificado, por exemplo, pela presença ou ausência de fissuras

que podem indicar o estado de conservação do cunho.

O *Silver Plug* é aquela marca (ou “mancha”) redonda no centro da moeda e que as vezes é encontrada também nos Silver Dollars de 1795.

A origem dessas marcas é um mistério, uma vez que saber com certeza a origem envolve conhecer o processo de produção dessas primeiras moedas de dólar, mas a explicação lógica é bem convincente, veja:

A explicação é que esse plug foi adicionado nos discos para aumentar o teor da prata da moeda (título da prata). É sabido que o diretor da Casa da Moeda, David Rittenhouse, havia ignorado a pureza da prata exigida pelo Congresso Americano (.8924+) e secretamente empregava uma referência de precisão de .900, adicionando mais 3,5 grãos de prata a cada moeda de dólar.

Outra especulação popular também é que durante as primeiras cunhagens a Casa da Moeda experimentou usar chapas de prata mais leves e, para alcançar o peso legal das moedas, inseriu plugs de prata nas chapas antes de cunhá-las.

Por fim, o CAC que aparece no final da descrição da moeda é a sigla para “*Certified Acceptance Corporation*” que determina um comum acordo entre as certificadoras PCGS e NGC quanto ao estado de conservação atribuído pela moeda. É como se fosse uma validação dupla da certificação por duas empresas diferentes.

Detalhes da venda

A moeda foi vendida às 09:00 do dia 22 de janeiro de 2016 por US\$ 10.016.875,00 (dez milhões, dezesseis mil e oitocentos e setenta e cinco dólares).

SYNDICATO CONDOR LTDA. CARIMBOS DATADORES

Wady Nagem Vidal – Filatélica Vidal

A história do Sindicato Condor Ltda. e sua atuação no transporte aéreo de correspondências, passageiros e cargas no Brasil é fartamente documentada, porém a utilização de carimbos datadores como obliteradores dos selos ou como marca-dores de expedição ou recepção de correspondências é muito pouco estudada e divulgada.

Estes carimbos tornaram-se obrigatórios em função das Instruções para a Execução do Transporte Aéreo de Correspondências Postais, publicadas em março de 1927, cujo artigo 5º estabelecia:

As taxas e prêmios que pertencem às empresas serão arrecadadas em selos especiais emitidos pelos empresários em tipos bem distintos uns dos outros e mediante modelo aprovado pelo diretor geral dos Correios, ou por meio de máquinas de franquear de propriedade dos empresários, mediante aprovação do desenho da estampa pela mesma autoridade.

Estes carimbos foram utilizados como obliteradores até o dia 30 de novembro de 1930. A partir de 01 de dezembro de 1930 entrou em vigor o artigo 24 da Portaria n. 1.951-E/1ª – Diretoria Geral dos Correios – Subdiretoria do Expediente - 1ª Secção, de 27 de novembro de 1930. O artigo 24º estabelecia:

A companhia obriga-se a retirar de circulação os selos de sobretaxa aérea por ela emitidos e cujo emprego fica proibido a partir de 1 de dezembro

próximo. Igual proibição é extensiva a o uso de qualquer material privativo da companhia e até então utilizados no serviço postal, como sacos, rótulos, formulas, carimbos, etc.

Posteriormente, em 24 de dezembro de 1930, a Diretoria Geral dos Correios – Subdiretoria do Expediente - 1ª Secção publica a Circular n. 89-E/1ª onde fica estabelecido que:

Por derrogação, em parte, da condição 21ª da Portaria referida, pode a Companhia aplicar seu carimbo data, somente no verso da correspondência que for postada em sua sede ou em qualquer de suas agências.

A inutilização dos selos ordinários ou de sobretaxa aérea, só poderá, entretanto, ser feita pelo Correio, com carimbos próprio.

Portanto, com base na documentação acima citada, podemos estabelecer os seguintes períodos de utilização dos carimbos datadores do Sindicato Condor Ltda.:

- 01 de julho de 1927 até 30 de novembro de 1930 – obliterador, indicador de trânsito ou de chegada;

- 01 de dezembro de 1930 até 24 de dezembro de 1930 – uso irregular;

- 24 de dezembro de 1930 até 13 de Julho de 1938 - indicador de expedição, trânsito ou chegada, aplicado no verso.

Não conhecemos nenhum documento que estabeleça o fim do uso dos carimbos. A data de 13 de julho de 1938 foi por nós estabelecida com base em um fragmento de envelope da cida-

de de CUYABÁ – MATO GROSSO.

Os carimbos datadores utilizados na expedição e recepção das correspondências pelas agências do Sindicato Condor Ltda. tinham formato circular com um círculo externo de 34 mm de diâmetro e um interno com diâmetro de 19 mm. No espaço entre os círculos, um texto básico na parte superior, em duas linhas, formado pelas seguintes palavras: “SYNDICATO CONDOR LTDA.” – “SERVIÇO AÉREO NO BRASIL”. Na parte inferior do espaço entre os círculos, o nome da cidade da agência. No centro do círculo menor, o datador em três linhas: dia – mês – ano. Como características principais destacamos a quantidade de pontos que aparecem antes e depois do nome da cidade e o alinhamento ou não entre as letras iniciais das palavras “SYNDICATO” e “SERVIÇO”.

Baseado no modelo acima descrito, são conhecidas mais cinco variantes:

- Rio de Janeiro: no lugar dos pontos tem-se o desenho de uma hélice de duas pás;

- Cuyabá: além do desenho da hélice, é o único que, sob o nome da cidade, traz, também, o nome do estado, no caso, Mato Grosso;

- Joinville: além do carimbo padrão, utilizou-se nesta cidade, um segundo carimbo, no qual constavam os dizeres “SERVIÇO AÉREO NA AMÉRICA DO SUL” ao invés do texto citado anteriormente. Este carimbo só é conhecido como indicador de expedição, trânsito ou chegada. Seu uso é posterior a data de 24 de dezembro de 1930;

- Pelotas: no lugar dos pontos tem-se o desenho de pequenas cruces. Este carimbo só é conhecido como indicador de expedição, trânsito ou che-

gada. Seu uso é posterior à data de 24 de dezembro de 1930.

- Santarém: no lugar dos pontos tem-se o desenho de pequenas cruces. Este carimbo só é conhecido como indicador de expedição em um – provável único voo ocorrido em 25 maio 1930.

As características anteriormente citadas servirão de base para a classificação que ora apresentamos: primeiro os carimbos alinhados, depois os desalinhados e em cada um deles a ordem crescente da quantidade de pontos antes do nome da cidade e em ordem alfabética de nome das cidades onde o Sindicato Condor Ltda. atuava.

Codificação adotada:

a – “SYNDICATO” e “SERVIÇO” alinhados;

d – “SYNDICATO” e “SERVIÇO” desalinhados; e,

$x/y - x$ é a quantidade de pontos antes do nome da cidade; e, y , a quantidade de pontos depois do nome da cidade.



,Recife – “a 7/6”

Desconhecemos carimbo do Sindicato Condor Ltda. das seguintes cidades: Penedo, São Manoel, Três Lagoas, Campo Grande, Aquidauana, Miranda, Porto Esperança e Corumbá.

Não é nossa pretensão esgotarmos o assunto apenas neste artigo, pois, com certeza, muito há o que se estudar

sobre estes carimbos, como por exemplo: tamanho e distribuição das letras, ângulo formado entre as linhas de pontos, medida do desalinhamento entre as linhas externa e interna, inversão, espelhamento e rotação do datador etc.

As imagens que apresentamos a seguir são de peças de nossa coleção. Aceitamos a colaboração de qualquer pessoa que possua peças não descritas neste texto ou mesmo de literatura sobre o assunto.

ALINHADOS – 3/3



Caravellas



Curitiba



Blumenau



Joinville



São Francisco



Paranaguá



Florianópolis



Laguna

ALINHADO - 4/4



Bahia

ALINHADO - 6/6



Aracaju

ALINHADO - 5/5



Florianópolis



Natal



Parahyba

DESALINHADOS - 3/3



Pelotas



Maceió



São Francisco do Sul

ALINHADO - 7/6



Recife



Santos



Porto Alegre



Florianópolis



São Paulo



Vitória

DESALINHADOS - 4/4



Bahia →



Rio de Janeiro



Belmonte



Ilhéos

DESALINHADOS - 4/5



Porto Alegre

DESALINHADOS - 5/5



DESALINHADOS - 6/5



Porto Alegre

DESALINHADOS – 7/7



Rio de Janeiro



Joinville (A 3/3)

DIFERENTES



Rio de Janeiro (A-hélice)



Pelotas (A 4/4 x)



Cuyabá (A-hélice)



Santarem (D 4/4 x)

Para celebrar o ducentésimo aniversário de fundação da Imprensa Nacional, ano de 2008, a Loteria Federal da Caixa emitiu bilhete lotérico, extração 4242, formado por 10 frações. Nesta edição, foram elencadas três das dez frações lotéricas que registram momentos históricos da criação e instalação da Imprensa Régia, no Brasil.

Antes de 1808, o Reino de Portugal, por motivos ideológicos, não permitia que suas colônias mantivessem serviços de tipografia. A intenção era manter contida a propagação de ideias consideradas revolucionárias na colônia. A criação da Imprensa Nacional teve o seu despertar com o início da fuga da corte real de Portugal para o Brasil, sua principal colônia, no começo do século XIX, em razão da iminente invasão das forças de Napoleão Bonaparte.

Dentre as atividades para a repentina viagem da comitiva real, ficou a cargo de Antonio Araújo, futuro Conde da Barca, o embarque do material tipográfico no porão do navio Medusa, nau da esquadra portuguesa. Importante ressaltar que o Conde da Barca intercedeu junto a D. João para elevação do Brasil à condição de Reino Unido junto a Portugal e Algarves, em 1815. [1]



[1] Nau Medusa - Embarcação da esquadra portuguesa que veio com a família real em 1808 para o Brasil. Esta nau transportou as duas primeiras impressoras que deram início à Imprensa no Brasil.

Lengruber Damaseno - AFNB

Essas impressoras, ao chegarem ao Rio de Janeiro, foram instaladas nos baixos da casa de Antonio Araújo, à Rua do Barbonos, dando início aos serviços tipográficos no Brasil. [2].



[2] Casa do Conde da Barca - Primeira sede da Imprensa Régia, em 1808. Esta casa pertencia ao conde da Barca. Foto de meados do século XIX.

Com a chegada da Corte ao novo continente, algumas providências para reorganização dos serviços reais se fizeram necessárias. Uma delas foi a criação da Imprensa Régia, por decreto de 13 de maio de 1808, assinado pelo Príncipe-regente Dom João de Bragança (futuro Dom João VI). A elaboração desse Ato Real teve participação efetiva do Conde de Linhares, Dom Rodrigo de Sousa Coutinho, referendário do decreto de criação. [3]



[3] Conde de Linhares, Dom Rodrigo de Souza Coutinho (pintura). Referendário do decreto de criação da Imprensa Régia em 1808.

